

Como nasceu “Fazer da escola uma base para o povo tomar o poder”

Em Janeiro de 1983 publiquei MEMÓRIAS DO TEMPO (4), série iniciada em Setembro do ano anterior. Depois disso, as MEMÓRIAS DO TEMPO pararam, ou melhor, interromperam-se involuntariamente. Cinco anos depois, volto a vasculhar o baú memorial para ver se ainda consigo relatar histórias da nossa História de Libertação. Como sempre, sem a preocupação nem de historiador, muito menos de escritor. Apenas a de testemunha participante.

Estávamos a perder o leme que nos norteava. Havia confusão. Ódios velados contra uns, favoritismo e nepotismo em relação a outros, suspeita sobre uns tantos, desconfiança geral. Um clima doentio. Quase impossível estudar com a necessária concentração e tranquilidade. Alguma coisa estava errada entre nós, era preciso diagnosticar a doença e arranjar-lhe a cura apropriada.

Estamos em princípios de 1973, cerca de Março ou Abril. Chove torrencialmente e faz frio à noite. Os mosquitos refrearam a sua fúria contra nós por causa deste tempo que parece mais simpático connosco do que com eles. Poucos mergulhos fazemos no mar. Ape-tece-nos comer macaroca assada à brasa, pepinos, abóboras, feijão verde. Mas a nossa produção foi devastada pelos bois da vizinhança e ficámos tristes. O milho que

estava dando tão bons sinais de festa verde sumiu-se numa noite em que dormimos tranquilamente, embalados pela chuva miudinha que caía com insistência desusada. Só ficaram saudades de maçaroca.

Amílcar Cabral acabava de ser assassinado em Conacry por agentes do colonial-fascismo, que se aproveitaram, como sempre, de contradições internas do movimento que liderava. Mas, a que propósito vem aqui esta referência ao assassinato de Amílcar Cabral? É que, por causa da confusão que se gerava no nosso seio, e com a memória ainda fresca da amarga experiência do Instituto Moçambicano, os dirigentes da FRELIMO nos tinham chamado à atenção para o perigo político que representava o estado doentio em que caíra a nossa Escola Secundária.

Numa tarde, Joaquim Chissano reuniu-nos no refeitório para falarmos abertamente de todos os nossos problemas, de todas as nossas queixas. Foi o que fizemos. Ponto por ponto, da base ao topo, isto é, dos alunos à direcção da Escola, passando pelos trabalhadores não académicos e professores. Retenho ainda hoje o calor das discussões e a habilidade e paciência de Chissano em moderar o diálogo e ouvir tudo e todos. Assim também aprendemos o exercício da democracia popular.

Fazia-se escuro no refeitório (não tínhamos iluminação eléctri-

ca) e o ar estava abafado. Mandou-nos perfilar no exterior do edifício e ali continuou a reunião, à maneira mesmo guerrilheira de fazer reuniões. Dali não arredámos pé até cerca das dezassete horas e trinta minutos. Ao abandonarmos aquele local, estávamos alegres, radiantes, porque tinha sido encontrada a solução principal para os nossos problemas: direcção remodelada, ambiente de confiança restabelecido, a intriga banida do nosso convívio, a franqueza e a camaradagem restabelecidas. Foi uma batalha política que vencemos e consolidou Bagamoyo, a escola que nasceu para a Revolução.

Qual era, realmente, o problema de fundo ali? Pode ser resumido em algumas palavras: autoritarismo, arbitrariedade nas decisões, que se evidenciava em punições severas descaradamente injustificadas. A partir daquele encontro com o representante da FRELIMO em Dar-Es-Salaam, os alunos tomaram o poder de facto: participavam em tudo, estimulados e encorajados pela direcção e pelos professores. Dirigiam, na prática, as actividades correntes dos programas extra-escolares, desde a produção até à recreação, passando por tantos outros sectores da vida. Assim aprendemos o ABC da governação da vida colectiva.

A crise maior estava ultrapassada, mas não estava a luta pelo aperfeiçoamento da democracia



colectiva. Altos e baixos foram registados neste processo de criar a Escola Nova. Durante ano e meio fomos construindo e consolidando a nossa vida, debatendo sempre os nossos problemas e resolvendo-os da maneira que achávamos a melhor. A nossa sorte maior foi que quase mensalmente tínhamos connosco um membro da direcção da Frente, que nos vinha dar uma espécie de relatório do que se passava nas zonas de guerra e no plano internacional, no que a nós dizia respeito como movimento de libertação. Assim vivíamos a novidade das batalhas dos guerrilheiros, a quem nos juntávamos no período de férias escolares, que para nós eram «mudança de tarefa». Durante dois ou três meses íamos bazucar contra o exército colonial, alfabetizávamos guerrilheiros e população, dávamos rudimentos de educação sanitária, transportávamos material e mantimentos para as bases da guerrilha. Isso no extenso Niassa, no distante Tete e no próximo Cabo Delgado. Estudar, combater, produzir, eis as nossas palavras de ordem.

1974. Cerca de Julho. Tarde quente e cheia de vento do Índico

do nosso sonho umbilical. Debaxo das árvores em frente da secretaria do Comissariado dos Alunos aconteceu mais uma reunião com Chissano, que chegara a meio da manhã ido de Dar-Es-Salaam. Para falar connosco em nome do Presidente Samora Machel, que não teve tempo de se deslocar a Bagamoyo. «O que vai ser desta vez?», parecia ser a nossa interrogação. Não porque temêssemos, mas mensagem de um Presidente não acontece todos os dias para uma escola, ainda que a nossa fosse a única de nível secundário que a FRELIMO tinha.

Perfilámo-nos com a nossa disciplina adquirida em Nachingwea e pusemo-nos prontos para a reunião, sentados no chão, olhos apontados para as ondas do Índico com gaivotas à mistura. Bonito cenário para a nossa disposição psicológica. «Que vai ser esta reunião?» Nada mais que o lançamento do **FAZER DA ESCOLA UMA BASE PARA O POVO TOMAR O PODER**. Nada parecido com o que se faz no lançamento dos livros de escritores. Não. Outro tipo de lançamento, acontecimento político.

Depois de explicar que o livro

era o resultado da nossa experiência, Chissano leu-o na íntegra, interrompendo aqui e ali para oportunos comentários. Vimos como éramos tão bem retratados, como tão bem era descrita a nossa situação, que outra coisa não havia a fazer senão identificarmo-nos com a síntese, a teoria sobre como deve ser a Escola Nova, feita para a libertação do Homem moçambicano.

Assim foi parido este estudo que todo o professor e aluno de Moçambique devia conhecer, pois com isso nada teria a perder. Antes pelo contrário. **FAZER DA ESCOLA UMA BASE PARA O POVO TOMAR O PODER** é o número 6 da Colecção «Estudos e Orientações», do DIP da FRELIMO. Foi publicado há catorze anos, mas quem ande confuso sobre como se planifica a tomada do poder pelo povo através da Escola, que o consulte. Tem as orientações necessárias para a educação revolucionária em Moçambique de hoje e de amanhã.

CELESTINO JORGE